



ATTITUDES LINGUÍSTICAS: UM ESTUDO COM FALANTES NATIVOS EM POCONÉ-MT

LINGUISTIC ATTITUDES: A STUDY WITH NATIVE SPEAKERS IN POCONÉ-MT

Jaqueline Dias¹
Jocineide Macedo Karim²

Recebimento do texto: 08/03/2017

Data de aceite: 22/04/2017

RESUMO: Este artigo propõe uma breve reflexão sobre as crenças e atitudes linguísticas com relação à sua língua, dos falantes nativos dos município de Poconé-MT, situada no Alto Pantanal, na Mesorregião Centro-Sul do Estado a 100 Km da capital Cuiabá. Neste estudo foi proposta uma entrevista com perguntas estruturadas, com 12 pessoas, seguindo, para a elaboração do questionário, os pressupostos de Labov (1972) e Tarallo (1985).

PALAVRAS-CHAVE: Atitudes linguísticas; Sociolinguística; Poconé-MT.

ABSTRACT: This article proposes a brief reflection on the linguistic beliefs and attitudes regarding their language, of the native speakers of the municipality of Poconé-MT, located in the Alto Pantanal, in the Mid-South Meso region of the State, 100 km from the capital Cuiabá. In this study, an interview with structured questions with 12 people was proposed, followed by the assumptions of Labov (1972) and Tarallo (1985) for the elaboration of the questionnaire.

KEYWORDS: Linguistic attitudes; Sociolinguística; Poconé-MT.

¹ Doutoranda em Linguística pela UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso, *Campus* de Cáceres/MT. Bolsista CAPES-FAPEMAT. Mestre em Linguística pela Unemat (2016). E-mail: dr.jaquelinedias@gmail.com

² Professora Adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso. Doutora em Linguística pela UNICAMP. Docente do Departamento de Letras e Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Unemat – *Campus* de Cáceres. E-mail: jocineidekarim@yahoo.com.br



1 Introdução

Com o objetivo de sistematizar as variações linguísticas existentes, a sociolinguística surgiu após muitos estudos nos quais se constatou que a linguagem reflete a diversidade social das comunidades, variando de acordo com parâmetros, tais como o espaço geográfico, o espaço social, o espaço temático e o canal linguístico, o que torna a língua, ao ser expressa no momento da fala, dinâmica e heterogênea.

A língua, ao ser expressa no momento da fala, é dinâmica, variando em parâmetros, tais como: época, região geográfica e fatores sociais, entre outros. Dessa forma, a sociolinguística passa a ser um espaço de investigação interdisciplinar, pois atua entre duas fronteiras, língua e sociedade.

Pensando que a língua é uma forma de interação, comunicação e expressão, a pesquisa concentra-se nos aportes teóricos da Sociolinguística, que como propõe Mollica (2008, p. 9): “estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”.

É necessário compreender que a língua não existe enquanto manifestação isolada de uma cultura, mas sim de um conjunto socialmente herdado por práticas e crenças que configuram as manifestações do indivíduo no dia a dia.

Este estudo delimitou-se no espaço, primeiramente, bibliográfico e posteriormente na cidade de Poconé-MT, situada no Alto Pantanal, na Mesorregião Centro-Sul do Estado a 100 Km da capital Cuiabá.



Sabe-se, em virtude de outros estudos, que a região do Alto Pantanal Mato-Grossense é composta por diversos traços linguísticos particulares. Dentre os quais destacam-se: alternância do uso de [ãw] e [õ], como por exemplo ‘*pão – pôm*’ ‘*coração – coraçôm*’; realizações africadas [tʃ] e [dʒ] em vez das fricativas [ʃ] e [ʒ], como por exemplo ‘*chuva – tchuva*’ ‘*djente – gente*’; variação na concordância nominal de gênero, como por exemplo “*lá no casa de Maria*” “*o dança é bonito*”; ocorrência de rotacismos; e alçamento da vogal central baixa [a] em ambiência nasal.

Porém, neste artigo, faremos uma breve reflexão acerca das atitudes linguísticas que circundam o contexto dos falantes poconeanos. Quando falamos em atitudes linguísticas, falamos também de diversidade humana, que é quem constrói ao longo dos tempos essas diferentes formas de relações linguísticas.

2 Contextualizando a pesquisa: Poconé-MT

Conhecer a história de uma comunidade é ponto fundamental para entender as mudanças linguísticas por qual passa o falar de um povo e suas crenças e atitudes linguísticas diante da própria língua. De acordo com Labov (2008; 1972, p. 21): “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre”.

A comunidade escolhida para esta pesquisa foi Poconé-MT. Chamada, originalmente de Beri-Poconé ou ainda Beri-Poconhé, a cidade



foi habitada inicialmente pelos índios³ Beripoconés⁴, da grande família Bororo⁵. Beri-Poconé ou Beri-Poconhé, segundo historiadores, é o nome dado ao cacique da tribo da nação Bororo, daí o nome do município. Os Beripoconés, de acordo com os estudos de Rondon (1978, p. 43), “eram indivíduos de boa aparência, [...] que se encontravam num bom estágio de desenvolvimento, repetindo a história da humanidade, da civilização”.

O município de Poconé está localizado, no Alto Pantanal Mato Grossense⁶, entre a depressão cuiabana e a planície do Pantanal, em Mato Grosso. Situa-se a 100 km da capital Cuiabá e faz limite com os municípios de Nossa Senhora do Livramento, Barão do Melgaço, Cáceres e com o Estado de Mato Grosso do Sul (SILVA, 2007).

Segundo senso realizado pelo IBGE em 2015, Poconé conta com uma população de 32.131 habitantes, predominantemente urbana, e

³ Embora, nesta pesquisa, utilizemos o termo “índios”, concordamos com Siqueira (2002, p. 18) que afirma: “A denominação “índios”, portanto, é uma criação dos europeus brancos, daí não ter tido qualquer significado maior para os próprios nativos que se autodenominam de acordo com o grupo linguístico e universo sociocultural a que pertencem”.

⁴ Acredita-se que o termo Beripoconé, faz referência a uma tribo de índios coroados da nação Bororo, pois segundo alguns historiadores, essa região, na época de sua ocupação, primeira metade do século XVIII, já era habitada por índios das nações Bororo e Guatós. (KARIM; CRUZ, 2016, p. 135).

⁵ “Os Bororo se autodenominam Boe. Bororo foi o nome pelo qual ficaram conhecidos e significa “pátio da aldeia”. A sua língua está classificada no tronco linguístico Macro-Jê. Atualmente, as 11 aldeias Bororo estão situadas em seis Terras Indígenas (T.I.), no Estado de Mato Grosso, num território descontínuo e descaracterizado, que corresponde a uma área muito menor do que o território tradicional.” (SOUZA; PAGLIARO; SANTOS, 2009, p. 328).

⁶ Nesta pesquisa trataremos de Alto Pantanal Mato-Grossense a região da qual fazem parte os municípios de Barão de Melgaço, Cáceres, Itiquira, Lambari D’Oeste, Nossa Senhora do Livramento, Poconé e Santo Antônio de Leverger. Entendendo que esses municípios são os que contêm a parte alta do pantanal - referindo-se a localização geográfica - em sua composição no que diz respeito a parte do pantanal que está em Mato Grosso.



extensão territorial de 17.141,379 km². (IBGE, 2015). A cidade mantém até hoje o aspecto de cidade interiorana, preservando as fachadas originais das residências, as quais fazem parte da história da cidade.

Rica em tradições, Poconé preserva muito de sua cultura atualmente. Um exemplo disso é a *dança dos mascarados* e a *cavallhada* que são símbolos da cultura do município e são representadas em todas as datas comemorativas da cidade.

Dentre as festas mais tradicionais de Poconé está evidenciada a religiosidade por meio das festas de santos, dentre as quais se destacam as de São Benedito, Espírito Santo, Santo Antônio, São João e Nossa Senhora do Rosário a padroeira da cidade. As festas de Santo são tradicionais na cidade e são preservadas, passadas de pais para filhos, e netos, e bisnetos, e todas as gerações. Nestas festas há muita comida e a preservação da cultura através das danças, como o siriri, cururu, rasqueado, lambadão, a dança dos “Mascarados de Poconé”, levantamento de mastro, “Iluminação” e a “Cavallhada”. (SILVA, 2007).

3 Atitudes linguísticas do poconeano

Foram entrevistados doze informantes, o que contabilizou um total de aproximadamente seis horas de entrevistas.

Levando em consideração que “nos estudos de comunidade é necessário estabelecer parâmetros rígidos para a seleção dos informante” (Tarallo, 1985, p. 27), a seleção dos informantes entrevistados seguiu alguns critérios, que foram:



- a) ter mais de 18 anos;
- b) ter nascido em Poconé;
- c) ter pais nascidos em Poconé;
- d) não ter morado fora de Poconé por 5 anos ou mais;
- e) não ter ficado fora de Poconé, por 6 meses ou mais, nos últimos 5 anos.

Desta forma, levando em consideração os critérios de seleção, os informantes foram estratificados de acordo com sexo (feminino e masculino), e de acordo com a faixa etária, dividindo-se em três faixas etárias, as quais compreendem: a primeira faixa etária de 18 a 27 anos, a segunda faixa etária vai de 34 a 45 anos e a terceira faixa etária a partir 50 de anos.

Para identificar os informantes, no decorrer do trabalho, serão utilizados códigos, os quais seguirão os seguintes parâmetros: 1, 2 e 3 para identificar o grupo de faixa etária, M e F, para identificar se masculino ou feminino e seguido da idade do informante.

Desta forma, observaremos as atitudes linguísticas dos poconeanos entrevistados frente à sua língua. Para isso serão exploradas, para análise, as seguintes perguntas que foram aplicadas na comunidade: 1) Você tem satisfação em ser um/a Poconeano? Por quê? 2) Como você acha que as pessoas de fora veem os Poconeanos? 3) Você gosta do jeito de falar da pessoas que vem de fora (nordestinos, gaúchos, cariocas)? Você acha que é diferente do seu jeito de falar? 4) O que as pessoas de fora comentam do jeito de falar poconeano? Você já ouviu algum comentário e como reagiu?



A língua ao ser expressa no momento da fala é dinâmica, variando em parâmetros, tais como: época, região geográfica e fatores sociais. Dessa forma, a Sociolinguística passa a ser um espaço de investigação interdisciplinar, pois atua entre duas fronteiras, língua e sociedade.

É necessário considerar que a língua não existe enquanto manifestação isolada de uma cultura, ou seja de um conjunto socialmente herdado por práticas e crenças que configuram as manifestações do indivíduo no dia a dia. Levamos em consideração o exposto por Labov (2008, p. 305):

Este tipo de teorias crescem vagarosamente: emergem da sujeira e das ruínas do cotidiano, nunca totalmente livres de erros de mensuração e outras irregularidades comuns. Tomam forma, crescem fartes e confiáveis na medida em que mantêm relação com o cotidiano e enquanto são cultivadas por aqueles que o compreendem. Sua beleza repousa, não em sua simplicidade ou simetria, mas na forte relação com a realidade.

De acordo com uma regra da linguística “só existe língua se houver seres humanos que falem” (Sapir, 1968), portanto se levarmos em consideração que todo o ser humano pertence a uma cultura, concluiremos que o citado acima é relevante.

Quando falamos em atitudes linguísticas, falamos também de diversidade humana, que é quem constrói ao longo dos tempos essas diferentes formas de relações linguísticas. Porém, é importante lembrar que



a relação da linguagem com o homem em sociedade passa por critérios classificativos, determinados pela hierarquia social.

De acordo com BISINOTO (2000, p. 36):

Ao lado da variedade linguística existente numa comunidade, da manifestação concreta de falares diferenciados, há fenômenos de natureza social intrínsecos que afetam tanto linguística como politicamente os comportamentos e as relações dos habitantes, interferindo muitas vezes na própria estrutura social. Nesta perspectiva, a atitude linguística e a social complementam-se, ou melhor, fundem-se nas ações e reações dos indivíduos. As avaliações manifestas e encobertas, subjetivas e objetivas, mais ou menos conscientes, relativas à linguagem dos homens numa sociedade plural, têm a propriedade de fundar e governar tanto as relações de poder quanto o prestígio ou o desprestígio das formas linguísticas, estabelecendo seletividades, evidenciando preconceitos.

Bisinoto considera que nessa manifestação da variedade linguística existem aspectos que afetam as atitudes dos falantes, o que pode ocasionar, às vezes, uma interferência na estrutura social. Ou seja, entende-se que atitude linguística e atitude social correlacionam-se e influenciam nas ações e reações dos falantes.

As atitudes dos falantes vão além das questões linguísticas e envolvem também questões sociais, seu posicionamento perante seu grupo, perante seu município, por exemplo, envolve seu comportamento e dos demais diante da sociedade, seu comportamento diante do seu falar.



Alguns estudos foram realizados no Mato Grosso, especificamente na região do Alto Pantanal, que tratam das atitudes linguísticas de seus falantes, como por exemplo, Macedo-Karim (2012) em sua pesquisa sobre o falar da comunidade São Lourenço em Cáceres, a pesquisadora evidenciou atitudes positivas dos falantes entrevistados em relação à língua e seu modo de se expressarem. O estudo de Bisinoto (2000) sobre as atitudes sociolinguísticas também da região de Cáceres-MT demonstrou, em meio a outros resultados que, de acordo com os entrevistados, o falar cacerense é desvalorizado pelo próprio cacerense nativo.

Para entendermos as atitudes dos falantes de Poconé vejamos as perguntas aplicadas na comunidade, seguidas das respostas dos informantes:

1) Você tem satisfação em ser um/a Poconeano? Por quê?

(36) Sim... Ser poconeana é ser hospitaleira... alegre... eu gosto de ser assim. (1F27)

Lógico... Porque eu sou Poconeano de coração. (1M18)

(37) Com certeza... Olha... o poconeano é uma... primeira coisa... povo muito hospitaleiro... sabe... e daí vem N's fatores positivos que faz com que a genti se sinta... assim... o prazer de ser poconeano. (2M34)

(38) Teenho (enfático)... Com certeza... Ahh:: porque a genti é o Poconé... Eu acho que a djente acostumou aquilo aqui né... tudo. (3F50)





(39) Mas muito satisfaçõm... sinto muita honra de sê poconeano... A gente viveu e aprendeu dento de Poconé... eu já tentei saí mas nãm me acostumei porque já tem o ritmo dessa cidade aqui de Poconé. (3M67)

Essa pergunta foi escolhida justamente por acreditarmos que a atitude linguística do falante começa na sua atitude em relação ao espaço que ele convive. Percebemos, nesses primeiros excertos, que a satisfação em ser Poconeano é, em todos os casos, positiva. Todos os informantes relataram ter orgulho e satisfação em ser poconeano. Realizar essa atitude positiva demonstra que o falante se sente inserido naquele ambiente.

Fernández (1998, p. 180) assevera que: “As atitudes linguísticas estão relacionadas com as próprias línguas e a identidade de grupos que as usam.” Desta forma a atitude linguística está ligada à identidade que o falante constrói sobre si e sobre a língua.

Além daquilo que o falante acredita sobre si e sobre o espaço que vive, também é necessário entender, de acordo com o entrevistado, como as pessoas de fora os viam, ou seja, uma questão até metalinguística, dizer o que eu penso que o outro pensa sobre mim. Para isso vejamos a próxima pergunta:

2) Como você acha que as pessoas de fora veem os Poconeanos?

(40) Olha, geralmente é engraçado, porque querendo ou não a gente tem um jeito engraçado de falar né. (1M18).





(41) Acho que vê como uma cidade bem pacata assim, bem tradicional, isso. (1M25)

(42) Ah vê uma pessoa assim meio pacata nós né... o jeito de falá... tem um sotaque... tem um tom diferente... eles admira... acho qu'eles acha cafonisse né... mas é o jeito nosso né. (2M39)

(43) Eu acho q'eles vê... gosta... porque tem muito de lá de longe que vem pra vê as tradições de Poconé que tem... Que em vários lugares já está acabando né. (3F50)

(44) Tem algum que tira sarro né porque tem fala meio arrastado né... errado... os que não tem o estudo né. (3M53)

(45) Olha... hoje o pessoal de fora que vem... eles já tem mais assim um respeito com o poconiano... encrusive eu foi guinorante eu já quis brigá com pessoas aqui em Poconé porque tem uns aí (que falam) “aah viu djente beste é o povo de Poconé”... [...] hoje nôm... eles já chega com mais respeito... porque o povo aqui é bem atrapaiado... é bem ruim de português... você vai encontrá pessoas bem ruim de português memo. (risos)... (3M67)

Nessas respostas já podemos observar que o poconeano acredita que a pessoa de fora tem preconceito em relação ao seu modo de falar.



Sella e Busse (2012, p, 368) avaliam que: “...Cada falante em situação de contato linguístico avalia o outro também pela forma como fala. As falas regionais são particularmente suscetíveis ao histórico da região [...]”

Para Lambert e Lambert (1966, p. 77): “uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante”

Embora em algumas respostas apareçam um possível preconceito, nas demais o poconeano reafirma sua atitude positiva quanto à visão que as pessoas de fora têm deles. Afirmando que se muitas pessoas de fora vão visitar Poconé é por que, certamente, gostaram da cidade, sentiram-se acolhidos, por pessoas, como os informantes disseram simples, acolhedoras, entre outros. “A identidade local é uma categoria de pertencimento extremamente importante para o indivíduo”. (LABOV, 2008, p. 342)

Calvet (2002) demonstra o conceito de segurança e insegurança linguística através de uma pesquisa realizada por Peter Trudgill em Norwich, na qual o pesquisador mede o comportamento social nos casos de segurança e insegurança linguística. Sendo assim, atribui à insegurança linguística o fato de o falante considerar seu falar de pouco prestígio, e à segurança linguística quando o falante considera o seu falar adequado.

Neste caso, em algumas respostas, foi possível observar essa insegurança linguística quando o informante afirma que a fala do poconeano é errada, contêm erros de português, etc. Em contrapartida a segurança



linguística aparece quando o informante afirma que cada um tem seu jeito de falar, aceitando as diferenças.

Na próxima questão o objetivo foi saber como o poconeano vê o modo de falar das pessoas de fora. Vejamos os dados para fazer uma reflexão:

3) Você gosta do jeito de falar das pessoas que vem de fora (nordestinos, gaúchos, cariocas)?

(46) Eu gosto... é um pouco diferente... É sotaque forte (1F27).

(47) O nordestino que é mas complicado né... a voz dele é mas isquisita do que tudo as outra pessoa dotra cidade né... eles sôm diferente né... É diferente. (2F44).

(48) Ah não posso questioná-lo porque eles também acham estranho o meu jeito de falar né... entõm pra mim é normal... Ah com certeza né... uns falõm cantado... outros falam chorando. (3F54).

(49) Eu acho que cada um lugar tem de tê o orige dele... é como eu estránho o pessoal falá de Poconé em certo ponto porque é a tradiçõm... Es falom bem diferente né. [...] (3M67).

(50) Gosto... eu acho que cada um com a sua língua... com a sua maneira de ser... eles sôm assim nõm tem jeito... eu acho que ele





também não tem porque mudá [...] cada um deve preservá aquilo que é seu e respeitá acima de tudo. (3M74).

Nas respostas apresentadas observamos que tem Poconeano que acha a fala das pessoas de fora esquisita, diferente, estranha, mas a maioria afirma que é normal, que cada um tem seu jeito de falar mesmo e que temos de respeitar.

Algumas dessas avaliações dos informantes, conscientes ou não, fundam e governam as relações de poder e prestígio e desprestígio das formas linguísticas de cada um, o que causa essas seletividades que evidenciam o preconceito linguístico.

Na próxima pergunta procuramos saber qual o posicionamento do Poconeano frente aos comentários que as pessoas de fora fazem do seu modo de falar, se os fazem. Vejamos as respostas:

4) O que as pessoas de fora comentam do jeito de falar poconeano? Você já ouviu algum comentário e como reagiu?

(51) Que é errado... que é arrastado... Normal... porque eu não me importo... as vezes eu falo mesmo assim... a gente tem que admitir quando é né... As vezes eu falo... mas eu tento falar o mais corretamente possível. (1F27)

(52) Geralmente acham engraçado né... Já comentou porque até como eu faço faculdade né... tem um colega meu que fala bem mais arrastado



do que eu... bem mais mesmo... mas eu não vejo com maldade né... a maioria só acha engraçado mesmo. (1M18)

(53) Uns defama né... porque a cidade é pequena né... ieu nõm imprico mas... ántes de primero eu zángava bastánte né... mas só que agora num ligo pra isso... se ocê fô ligá pra isso cê briga com todo mundo né e num é resorvido né. (2F44)

(54) Olha... mea esposa mesmo... geralmente ela acha que nós falamos de um jeito assim mais arrastado né... mais cada local tem a sua tradição... tem o seu idioma... suas maneiras de se portar e de se falar né. (2M34)

(55) Ah já (risos)... eles tem hora assim que faz caçoado da gente... eles fala que nói falámo errado... mas também tem muitos que gosta [...]. Eu reajo... eu falo nós somos assim... porque as vezes somos têm anafabetos [...], cada povo é do seu jeito... não adianta. (3M74)

A maioria dos informantes relatou que as pessoas de fora respeitam o falar do poconeano. Ainda afirmaram que as pessoas veem o modo do poconeano falar como engraçado, diferente, utilizam ainda o termo “arrastado” para caracterizar o modo de falar. Alves (1979, p. 20) afirma que: “A insegurança social das classes menos favorecidas, pode levá-las a assumir uma atitude de adoção quanto aos padrões de fala das classes mais favorecidas, portanto socialmente mais privilegiadas”.





Considerações finais

Quando falamos em atitudes linguísticas, falamos também de diversidade humana, que é quem constrói ao longo dos tempos essas diferentes formas de relações linguísticas. Porém, é importante lembrar que a relação da linguagem com o homem em sociedade passa por critérios classificativos, determinados pela hierarquia social.

Como tudo em sociedade obedece a regras, o homem tem que seguir os ditames da organização social para ser visto como um ser que tem a intenção de ascender socialmente.

Pensando nas atitudes linguísticas dos poconeanos, pudemos observar e concluir que o poconeano, em geral, sente orgulho de sua identidade como poconeano, sobretudo sente orgulho de seu modo de falar. Vemos que os informantes compreendem que cada indivíduo tem o seu modo de falar que cabe a cada um apenas respeitar. Percebemos também que eles têm a percepção de que falam diferente de outras pessoas de outras regiões, porém isso não causa constrangimento para eles.

Referências

- ALVES, Maria Isolete Pacheco Menezes. **Atitudes lingüísticas de nordestinos em São Paulo**. 1979.
- BISINOTO, Leila Salomão Jacob. **Atitudes lingüísticas em Cáceres – MT: efeitos do processo migratório**. 2000. 118 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.





-
- _____. (2007). **Atitudes sociolinguísticas: efeitos do processo migratório**. Campinas: Pontes, RG Editores.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. (Tradução de Marcos Marcionilo) São Paulo: Parábola, 2002.
- FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. Actitudes Lingüísticas. In: _____. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Editorial Ariel, SA: p. 179- 193, 1998.
- KARIM, Taisir Mahmudo. CRUZ, Beatriz A. Acosta F. da. Marcas de nomeação: entre o selvagem e o urbano: Nomes que contam histórias de Poconé. IN: KARIM, Taisir Mahmudo. DI RENZO, Ana Maria. BRESSANIN, Joelma Aparecida. MACEDO-KARIM, Jocineide. **Atlas dos nomes que dizem histórias das cidades brasileiras – Um Estudo Semântico-Enunciativo do Mato Grosso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.
- LABOV, William. (1972). **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo, SP: Parábola, 2008.
- LAMBERT, William Wilson; LAMBERT, Wallace Earl. (1975). **Psicologia social**. Tradução de Dante Moreira Leite. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- MACEDO-KARIM, Jocineide. **A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais**. Tese de doutorado. UNICAMP, 2012.
- MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. IN: MOLLICA, Maria Cecília.; BRAGA, Maria Luiza (orgs.).



Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto. 2009.

RONDON, J. LUCÍDIO N. **Poconé, sua terra e sua gente.** 1978.

SAPIR, W. **A linguagem,** 1921. Trad. Joaquim Mattoso Câmara Júnior. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

SELLA, Aparecida Feola. BUSSE, Sanimar. Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas: línguas e falares em contato em áreas de fronteira do Oeste e Sudoeste do Paraná. IN: ALTINO, Fabiane Cristina (Orgs.). **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vandercí de Andrade Aguilera.** 2012.

SILVA, Ilsa Helena Gomes Procopio. **Educação, Cultura e Tradição: Tessituras de Uma Comunidade Tradicional do Pantanal de Poconé, Mato Grosso – Um Estudo de Caso.** Dissertação de Mestrado. 2007. 184 p.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais.** Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

SOUZA, Luciene Guimarães de; PAGLIARO, Heloisa; SANTOS, Ricardo Ventura. Perfil demográfico dos índios Bororo de Mato Grosso, Brasil, 1993-1996. **Cad. Saúde pública,** v. 25, n. 2, p. 328-336, 2009.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística.** São Paulo: Ática. 1985

